

Multiletramentos na escola: uma entrevista com Roxane Rojo

Multiliteracies at school: an interview with Roxane Rojo

Roxane Rojo ¹ 

Geam Karlos-Gomes ² 

Ana Márcia dos Santos Honorato da Silva ³ 

ENTREVISTADA

Roxane Rojo: Possui graduação em Letras Neolatinas Português-Francês/Língua e Literatura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1974), mestrado (1981) e doutorado (1989) em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Fez estágio de Pós-Doutorado em Didática de Língua Materna na *Faculté de Psychologie et Sciences de l'Education* (FAPSE), da *Université de Genève* (UNIGE), Suíça, sob a direção do Prof. Dr. Jean-Paul Bronckart (1996). Atualmente, é professora associada livre docente colaboradora (MS5-2) do Departamento de Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas e pesquisadora 1C do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Tem experiência na área de Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: (multi)letramentos, gêneros do discurso, ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa e avaliação e elaboração de materiais didáticos.

ENTREVISTADORES

Geam Karlo-Gomes: Professor do Programa de Pós-Graduação em Culturas Africanas, da Diáspora e dos Povos Indígenas - PROCADI e do Mestrado Profissional em Rede - PROFLETRAS, ambos da UPE. Líder do ITESI - Grupo de Pesquisa Itinerários Interdisciplinares em Estudos Sobre o Imaginário, Linguagens e Culturas (CNPq/UPE).

Ana Márcia dos Santos Honorato da Silva: Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPI) da Universidade de Pernambuco- UPE. Graduada em Letras com Habilitação em Português e Inglês pela UPE (2001). Pós-graduada em Interdisciplinaridade na Educação Básica pelo Instituto Brasileiro de Pós-graduação e Extensão, Curitiba-PR (2004) e em Tecnologias em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro-RJ (2010).

¹ Pós-Doutorado em Didática de Língua Materna na *Faculté de Psychologie et Sciences de l'Education* (FAPSE), da *Université de Genève* (UNIGE), Suíça. Atualmente, é professora associada livre docente colaboradora do Departamento de Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas. ORCID: [0000-0003-4046-868X](https://orcid.org/0000-0003-4046-868X). E-mail: rojo@iel.unicamp.br

² Doutor em Literatura e Interculturalidade. Professor do Programa de Mestrado Profissional em Letras e do Programa de Pós- Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos. ORCID: [0000-0001-9569-1497](https://orcid.org/0000-0001-9569-1497). E-mail : geam.k@upe.br

³ Mestre em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares Graduada em Letras com Habilitação em Português e Inglês. ORCID: [0000-0002-1800-8225](https://orcid.org/0000-0002-1800-8225). E-mail: ana.mdsantos@adm.educacao.pe.gov.br

O termo “Multiletramentos” surge no final da década de 1990, a partir do estudo de pesquisadores dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Austrália, reunidos na cidade norte-americana de Nova Londres, denominado Grupo de Nova Londres (GNL). Para o GNL (1996), os Multiletramentos se preocupam com as proposições sobre o ensino da língua, letramento e a importância do mundo das comunicações nos espaços escolares. Portanto, duas temáticas favoreceram o surgimento desse termo: 1) a multiplicidade de canais e meios de comunicação e 2) a crescente relevância da diversidade cultural e linguística. A Pedagogia dos Multiletramentos propõe, então, a valorização e a incorporação de gêneros textuais multimodais nas práticas pedagógicas escolares, defendendo a necessidade de adequação da escola à sociedade moderna e globalizada, o que sugere atenção especial à formação continuada dos professores, com a necessidade de estes atuarem em sintonia com essa perspectiva. No Brasil, a professora Roxane Rojo, doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC - São Paulo, tem se dedicado à pesquisa sobre as práticas de leitura e escrita no contexto das mídias digitais. Dentre sua vasta publicação, é autora de *Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social* (2009); *Multiletramentos na escola* (2012); *Escola Conectada: os Multiletramentos e as TICs* (2013); *Hipermodernidade, Multiletramentos e Gêneros Discursivos* (2015) e *Letramentos, mídias, linguagens* (2019), todos da Editora Parábola, além de vários artigos e materiais didáticos, entre eles, os Protótipos de ensino. Roxane Rojo é, portanto, referência nacional em pesquisas envolvendo os Multiletramentos, atuando também na avaliação e elaboração de materiais didáticos relacionados ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

Nesta entrevista a dois pesquisadores do grupo de pesquisa ITESI – Itinerários Interdisciplinares em estudos sobre o Imaginário, Linguagens e Culturas, vinculado à Universidade de Pernambuco, a professora Roxane Rojo discorre sobre o termo Multiletramentos e sua relevância nos espaços escolares. Ela ainda apresenta o conceito e a origem desse termo e discute questões relacionadas à ressignificação do ensino, à inserção das tecnologias digitais e aos materiais didáticos (ODAS e Protótipos), entre outros temas voltados aos letramentos e aos novos letramentos.



Entrevistadores: Partimos de onde tudo começou. Em 1996, o Grupo de Nova Londres - GNL lança um manifesto ressaltando a emergência de uma Pedagogia dos Multiletramentos. O que esse termo significa e quais as suas implicações no ensino?

Roxane Rojo: O Grupo de Nova Londres foi formado por diversos educadores, entre eles: um antropólogo australiano (Bill Cope) e diversos pesquisadores da área de educação/linguagem (James Gee, Norman Fairclough, Bill Cope e Mary Kalantzis). Contudo, os mais conhecidos no Brasil e no mundo foram Bill Cope e Mary Kalantzis, que inclusive, estiveram aqui, em São Paulo, várias vezes, por terem um convênio com a Walkyria Maria MonteMór, na USP. Esses pesquisadores são da área de educação com formação em linguística também. Eu diria que eles cunharam o termo **Multiletramentos** nesse manifesto e a **Pedagogia**, enquanto termo, é uma decorrência. Tudo derivou de uma reunião para gerar um manifesto no intuito de dizer que os textos não eram mais meramente impressos e sim, principalmente, digitais, e por isso, eram multimodais, como eles diziam. Isso foi um avanço.

Vamos encontrar na literatura, também, os termos Multissemiose e Multimodalidade. O termo Multimodalidade é filiado a teoria do Halliday (*Mode*), que se alinha com os princípios da Gramática Sistêmica Funcional. Quem usa a multissemiose, envereda na semiótica do Pierce, do Greimas (*Semeion*)... Outras fontes que tratam de outras linguagens.

Na verdade, o que o GNL ressaltava era a emergência de textos compostos por diferentes linguagens. Por exemplo: O jornal traz a notícia, a fotografia da notícia, o anúncio publicitário. Entretanto, qual a diferença entre o digital e o impresso? É justamente o fato de poder misturar todas as outras linguagens: o som, a fala, a música, as pontuações, diversos tipos de áudios, a imagem em movimento, não somente a estática – vídeo, cinema, remix, desenho animado... Enfim, era uma máquina que poderia lidar justamente com o digital.

Ora, o que quer dizer digital? Máquina que trabalha com dígitos. E assim processa informação: 1010101010101, com diferentes combinações. Para o computador, tanto faz se um zero vai aparecer na tela como um *pixel* azul, como um *pixel* preto, que é uma parte de uma letra; ou como um som... É tudo igual. Por isso, a máquina é capaz de trabalhar com todas as linguagens.



Claro que essa é uma forma simplificada para explicar uma geração de máquinas primitivas. Hoje em dia, a máquina está bem mais complexa. O que o GNL argumentava é que, se os textos tinham mudado, tinham se transformado em multimodais, isso exigia multiletramentos. Então, exigia um conhecimento consciente não somente de decodificar a escrita, mas também de como decodificar o cinema, as imagens em movimento, o foco, a tomada, as imagens estáticas, a música... Enfim, decodificar e entender. Isso são Multiletramentos. É ser letrado para as várias linguagens.

Por exemplo, nessa conversa por meio da videoconferência com vocês, enquanto entrevistadores: a imagem; a diagramação das ferramentas; o que nós estamos escrevendo aqui do lado; a minha fala... Isso tudo exige uma nova Pedagogia. Portanto, tudo passa a fazer parte do ensino. Necessariamente, todas as outras linguagens, que na alfabetização, por exemplo, não tinham esse papel.

Na alfabetização, o foco principal era a letra e o som da fala correspondente. Não dá mais para alfabetizar dessa maneira. Os textos não são mais tão simples assim, pois assumem novas configurações do digital. Isso requer dos profissionais de Educação, de Letras, a realização de uma vasta pesquisa sobre as linguagens. Foi o que fizemos nos últimos vinte anos.

O Gunther Kress, por exemplo, já dava aulas sobre mídias na Universidade de Londres, por isso, saiu na frente na teorização das linguagens, porque já ministrava aula sobre isso com o seu colega Van Leeuwen. Já o James Gee e o Norman Fairclough, tinham uma linguagem mais próxima da análise crítica do discurso, mas não escreveram muito sobre multiletramentos. Quem escreveu mais foi Bill Cope, Mary Kalantzis e Gunther Kress.

No Brasil, os multiletramentos começam a ser discutidos em 2000. Desde então, muita pesquisa se acumulou no que se refere aos Letramentos e à Pedagogia. Penso que se discutiu menos a questão de como pode ser essa pedagogia, em relação ao que são os multiletramentos e a multimodalidade, pois há mais obras sobre a teoria, do que sobre como ensiná-la. Entretanto, a Finlândia já havia contemplado essa perspectiva muito antes. Isso porque já havia retirado a escrita manual da alfabetização muito antes do ano de 1996. Lá, desde então, não se ensinava apenas a escrever com a mão, mas com a máquina, com o uso de ferramentas digitais.



Entrevistadores: O GNL propõe a implementação da Pedagogia dos Multiletramentos por meio de quatro princípios: usuário funcional, criador de sentidos, analista crítico e transformador. Esses princípios são suficientes para efetivar a Pedagogia dos Multiletramentos na escola?

Roxane Rojo: O GNL vai rerepresentar essa teoria dos quatro princípios em 2009 e 2010. Ali, vão desenvolver formas de como “experimentar, conceitualizar, analisar e aplicar”, ou seja, só termos cognitivos, completamente diferente da Pedagogia do *design*. Isso, para serem mais bem aceitos por docentes americanos, mais conservadores.

Anteriormente, o GNL falava que a criança, para ser considerada multiletrada, precisaria de uma pedagogia do professor que a colocasse no lugar de um usuário funcional. De quê? Da escrita? Não. Do digital. Porque é no digital que o multiletramento acontece. O termo – Usuário do computador – seria qualquer usuário funcional? Não. Seria um usuário funcional que possa vir a ser um criador de sentidos com essas linguagens do digital, que integram imagem estática, fala, som, música e movimento.

Segundo o GNL, era preciso ser um sujeito criador de sentido e transformador. Mas não de qualquer sentido, como o do repetidor, mas transformador, capaz de inventar. É assim que surge a necessidade de toda uma pedagogia nesse sentido, visto que o usuário precisaria ser um analista crítico do que acontece nos multiletramentos, na multissemiótica, na multimodalidade presentes na internet. Além disso, deveria entender como funciona um remix, um *sampler*, música digital, o Power Point... Enfim, todas essas formas de interação digital que a escola não tematiza como currículo.

Entrevistadores: E como tem sido implementada a Pedagogia dos Multiletramentos no contexto das escolas brasileiras?

Roxane Rojo: Não sei, porque não vejo prática. Em 2017, 2018 e 2019 esses últimos dois anos em especial, os referenciais começaram a dar atenção à Pedagogia dos Multiletramentos presentes nos documentos da Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio, sobretudo, e um pouco na BNCC do Ensino Fundamental, em 2017. E



assim, surgem todos esses gêneros. No entanto, os referenciais não orientam **como** fazer. Apenas se aponta **o que** tem que fazer. Chamo a atenção, que pela primeira vez, algo com força de lei diz o que tem que fazer! Também, em 2018, é lançado o currículo de tecnologia aqui no Estado de São Paulo, ou seja, cada estado e cada município vai interpretar como um currículo seu. A elaboração e implantação desses currículos podem levar uma década até se concretizarem. Do outro lado, os livros didáticos estão tentando, muito mal, incorporar essa discussão dos multiletramentos. Em outros, na prática, nem se vê muita sugestão que dialogue com esse estudo.

Entrevistadores: Os **novos letramentos** surgiram de forma responsiva a uma necessidade social, assim como os **multiletramentos**. Essa concepção ancora-se no avanço da tecnologia e dos novos formatos e valores de comunicação, no contexto das mídias digitais. Qual a sua percepção sobre a adoção da Pedagogia dos Multiletramentos considerando os mais distintos contextos institucionais, culturais, espaciais, temporais e sociais do território brasileiro?

Roxane Rojo: Eu diria que a resposta para esses distintos contextos seria os novos multiletramentos. Vamos fazer uma memória: tem Brian Street lá na década de 1980, especificamente nos anos 1982, 1984 e 1986, cunhando esse termo **novos letramentos**. Ora, ele quer outra visão de letramentos que não é a visão oficial, muito próxima da alfabetização. Magda Soares discute isso à exaustão. Ela revisou o seu livro sobre alfabetização inúmeras vezes e, nas últimas revisões, já incorporando o Street. Então, Street vai falar em letramentos, quando ele tenta ampliar o conceito de letramento para além do escrito e impresso, para outras práticas, por exemplo, a fala letrada.

Ainda não se trata de multimodalidade nessa época. Street explica, por exemplo, que um analfabeto tira o seu salário ou bolsa-família no caixa do banco, com o cartão, e digita números, por isso está numa prática letrada, embora seja analfabeto. Para esse antropólogo britânico, isso é um novo conceito de letramento que é menos escolar, menos alfabetização. Então, gosto de usar “novos multiletramentos”.

O Street ainda traz a questão que os letramentos são **multi**. Não gosto dessa designação, prefiro usar **multissemiose**, acho esse termo mais adequado. É letra e fala, música e movimento que se integram. São letramentos em várias linguagens:



sonoras, gestuais, visuais... Porém, é preciso ter critérios de análise para cada expressão artística, porque um balé, uma ópera, uma série da Netflix, possuem linguagens diferentes, naturalmente a sua análise será diferente. O ensino de linguagem não é mais o ensino de línguas. Hoje já inserimos em nossas práticas a linguagem do Facebook, do Telegram, entre outras redes sociais. Portanto, quando se faz referência às práticas de oralidade, se pensa numa *Live*, por exemplo. Essas linguagens já estão no currículo desde os PCN, em 1997.

Entrevistadores: *Multiletramentos na Escola*, de sua organização e autoria, é uma obra que tem sido referência para muitos professores do Brasil sobre a Pedagogia dos Multiletramentos. No primeiro capítulo, há uma afirmação muito otimista de sua parte: “Hoje, no Brasil, é não só perfeitamente possível, como desejável (e, de certa forma, desejada por uma grande parcela dos professores) a adoção de uma didática dessas” (ROJO, 2012, p. 31). Como essa sua afirmação reverbera hoje, dez anos após a publicação dessa obra?

Roxane Rojo: Eu falo para muitos professores, não só para plateia acadêmica. Eu gosto de conversar com professores, por isso que esse livro é um livro escrito para educadores. Quando falo para esse público, entendo que eles falam da dificuldade em acontecer os multiletramentos nas escolas, porque a escola não é conectada, não é equipada, mas por trás dessa fala – não que eu não ache que isso seja importante – há o desejo de vivenciar essa prática.

Contudo, mesmo com toda essa dificuldade estrutural das escolas, percebo uma adesão por parte dos professores. Por exemplo, quando Bill Cope e Mary Kalantzis apontaram para a reação aos multiletramentos lá nos Estados Unidos, eu não sentia rejeição em nenhuma plateia de professor, nos dez últimos anos, aqui no Brasil. Era perceptível uma adesão muito grande, pois quanto mais os professores se rejuvenescem, se qualificam, mas sentem a necessidade de trabalhar o tema. Mas não deixa de ter aquela lamentação: “A minha escola não tem conexão!”

De uma forma bem otimista, sempre defendo que é falta de vontade política das Secretarias. Mas, de fato, é possível quando se pensa em estrutura e qualificação. Eu gosto de dizer que é falta de vontade política quando afirmam que os custos com as operadoras de internet (computador) são elevados, mas se pararem de produzir



umas três edições de PNLD e investirem em computadores para todo mundo, o custo será semelhante. O problema principal é a internet. Ela começou no Brasil, nos anos 1990, quando eu estava terminando a minha tese de doutorado. Nos anos 2000, com a web 2.0, as possibilidades de internet se ampliaram mais. O Governo decidiu ceder às multinacionais e já se percebe todas as operadoras com sinal digital. O problema é que o Brasil está acostumado a dar tudo de graça sem pedir nada em contrapartida.

Entrevistadores: Em outra obra de sua autoria e organização, *Escola Conectada: os Multiletramentos e as TICs*, há uma adesão de muitos autores às referências do GNL. Pode-se afirmar que há um grupo consolidado de pesquisadores no Brasil sobre essa vertente?

Roxane Rojo: Sim, esses dois livros são particulares, porque eles recorrem a trabalhos. O primeiro foi um curso sobre multiletramentos. Esse curso foi no prédio da Agronomia e alguns trabalhos foram resultados de artigos. Na sua grande maioria, os interlocutores são discentes e o GT estava interessado nessa linha de conceito de multiletramentos. Tenho, sim, essa necessidade de construção de conceito de aprendizagem e, sobretudo, a construção de materiais para esse trabalho com os multiletramentos.

O próximo livro será sobre essa construção de materiais, que chamo de protótipos, porque eles só podem ser atualizados se acessar a internet. Não é um livro didático pronto que o professor vai escutar os vídeos, os áudios, factível. Ele se materializa pelo que estão disponíveis na internet.

Entrevistadores: Os eventos e práticas de letramentos têm sido cada vez permeados pelas tecnologias digitais; daí surgem novas formas de leitura e produção de textos, implicando na inserção de novas habilidades a serem desenvolvidas pela escola. Como você vê a avaliação do SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), que permanece no formato impresso e contemplando os mesmos descritores elencados no final do século passado?

Roxane Rojo: Os Sistemas Nacionais de Avaliação não são privilégios nossos. O PISA também não considera o digital, embora seja uma avaliação muito valorizada. Vivem dizendo que os nossos alunos vão mal. O SAEB tem por obrigação mudar.



Quando saiu a BNCC – Base Nacional Comum Curricular do Ensino Fundamental, em 2017, havia esse problema. Nessa época, a equipe do INEP me convidou para discutir como seria o SAEB, baseado na BNCC, porque até então eles estavam fazendo de acordo com os PCNs. Com a Base Nacional, então, o SAEB tem que se ajustar, sobretudo, no Ensino Médio. O Ensino Médio é mais digital, mais intenso, porém, para que o Ensino Médio tenha sucesso, se faz necessário ampliar essa perspectiva para o Ensino Fundamental também. O SAEB tem que se basear no documento Nacional agora.

Entrevistadores: Considerando os Multiletramentos enquanto práticas sociais plurais, e que mantêm, de acordo com seus propósitos comunicativos, conexões entre pessoas e suas culturas, bem como a necessidade de uma interação social por meio de textos e leituras multissemióticas e multimodais, o que fazer para romper com os velhos paradigmas centrados no ensino tradicional que se sobrepõem com o letramento escolar grafocêntrico?

Roxane Rojo: Há algo que eu, Bill Cope e Mary Kalantzis discutimos pouco, que é a questão da diversidade cultural. Na realidade, pensamos muito mais em linguagens do que em culturas. Há, de fato, a diversidade de linguagens e a diversidade cultural. Por exemplo, nos protótipos, eu tomei esse cuidado: há distinções culturais na música popular, na música regional, por exemplo. O problema é que no livro didático é a mesma coisa, não há essa diferença. Antigamente, os livros eram feitos em editoras baianas e cariocas. Agora, isso acabou, todas estão no Estado de São Paulo, ou seja, todos os livros são editados por editoras do Estado de São Paulo. Então, os livros não são multiculturais, ao menos que o autor faça um baita esforço! Mesmo assim, não vai falar do Coco, do Boitatá etc. Nos protótipos, eu tomei esse cuidado de desenvolver aspectos da diversidade cultural em nível nacional.

Tem um autor que eu gosto muito, que é o Jay L. Lemke, em especial, o seu texto: *Letramento metamidiático: transformando significados e mídias*, publicado em 2020, na Revista *Trabalhos em Linguística Aplicada*, da UNICAMP. Cada linha desse artigo traz algo novo. O texto original é de 1998. Nesse artigo, ele traz um exemplo que gosto bastante: “Daqui a pouco, quando nós tivermos um pouquinho mais de banda larga, uns 10 megas e uns 250 de HD...” Quer dizer, a “coisa” nem existia, e ele já falava em midialidade. Naquela época, a aprendizagem não era por *design*. Ele



não chama educação bancária, aquela criticada por Paulo Freire, em que o professor só deposita conhecimento no aluno. É exatamente o inverso. Ele falava na escola interativa. Nessa época, ele não conhecia o Grupo de Nova Londres. O livro do GNL não tinha sido lançado ainda.

Com a aprendizagem interativa, busca-se o que precisa, na hora que precisa, para fazer o seu trabalho proposto, cumprir uma meta, por exemplo. É um trabalho por *design*. É a grande revolução da escola! Primeiro, toma-se muito mais tempo escolar: há hora para começar, mas não tem hora pra terminar. Não serão os 45 minutos de aula o suficiente e não é educação bancária. Repito o que eu disse! É outra coisa! Isso porque é necessário procurar os temas/conteúdos na internet, achar, montar, editar... E tudo isso leva muito tempo!

Entrevistadores: Seu artigo publicado em 2017, na Revista The Specialist, *Entre plataformas, odas e protótipos: novos multiletramentos em tempos de web2*, há muitas possibilidades para implementação de uma Pedagogia dos Multiletramentos, a exemplo dos ODAS (Objetos Digitais de Aprendizagem) e os protótipos. Como surgiram esses termos – ODAS e protótipos? O que eles significam? Quem os elabora? Estão disponíveis?

Roxane Rojo: Um ODA pode ser encontrado no repositório de ODAS da escola digital parceiro da Educação, repositório do MEC, Biblioteca Virtual do MEC, entre outros. O objetivo do ODA é sempre granular e é fechado nele mesmo. Exemplo: pode aparecer o mapa navegável, o filme de história etc. Ele não tem didatização. Quem vai didatizar é o professor. O protótipo não, ele já está didatizado. Ele escolhe, sugere, e o professor utiliza o que ele achar melhor dentro da diversidade de atividades sobre aquele tema. É como uma animação.

Para ficar mais claro: Um professor foi trabalhar O mito de Perséfone, que é sexy. Justamente por ser sexy, demorou a escolher uma animação, com uma historinha que não tivesse cenas fortes de sexo. O professor não tem tempo de estar procurando, fazendo busca; senão, ele faria um livro! Assim, ele vai buscar nos protótipos o que ele precisa, uma vez que os protótipos funcionam como um material de suporte, mais disponíveis, mais fortes, mais robustos. Essa é a ideia.

É tipo uma sequência didática, mas não é uma sequência para o impresso. Seria uma sequência didática para navegar. Ela não se atualiza no texto só, tem atualização na internet. São PDFs navegáveis. Em geral, são pesquisa-ação, simulações no protótipo, e só se atualizam vendo as coisas que são digitais. Para desenvolver esses protótipos, há necessidade de uma formação em linguagem ou até mesmo, algum conhecimento em tecnologia. A necessidade de materiais modelares, até mesmo para criação de outros protótipos, é muito grande.

Entrevistadores: Neste período de reclusão social em virtude da Pandemia (COVID-19) que assola o mundo, um novo cenário se desenha para o contexto do ensino remoto e as interconexões ressignificam o processo de ensino-aprendizagem. Como tem sido sua experiência nesse contexto? Como a Pedagogia dos Multiletramentos tem contribuído na ressignificação dos contextos de aprendizagem?

Roxane Rojo: Nesse contexto de trabalho remoto seria muito interessante deixar o aluno praticar, realizar, elaborar. O problema é que as crianças não têm máquina, não têm conexão em casa. Mas o ensino remoto tem sido uma possibilidade. Infelizmente, percebo que os professores estão fazendo gravação de videoaula para ensinar a mesma coisa que está no material escolar, seja livro ou impresso das secretarias de educação, com uma aula transmissiva. Se quisessem trabalhar com protótipos, poderiam, no entanto, os problemas são muitos, reconheço!

Em um país como o nosso, tudo é problema. Porém, acho que o cenário da Covid-19 está servindo para alertar. Há muitos professores no Facebook, e eles reclamam muito das videoaulas. Esse tipo de material (protótipos), seria possibilidade, por isso, quero lançar meu livro sobre materiais – protótipos. As coisas, no Brasil, só acontecem se você lançar um livro.

Eu diria que, com a Covid-19, os governos terão que possibilitar o acesso de conexão de internet para os alunos, assim como máquinas. Enfim, iria mudar a cabeça de todo mundo, para construir uma aprendizagem mais significativa, atrativa e interessante.

Visitei uma escola de excelência em São Paulo, chamada Amorim Lima. A diretora viu o modelo da escola da Ponte e, baseada nesse exemplo, demoliu todas as paredes intermediárias e fez grandes salões. Colocou em cada sala, duas ou três



ilhas, e em cada sala, um computador. Desfez a biblioteca e colocou os livros nas paredes. Montou grupos de projetos, por idade série/ano. É um pouco do que o Lemke fala da aprendizagem que se move pelo interesse, não tem tempo de 45 minutos. É preciso disponibilizar tempo para procurar, amadurecer.

Pelos resultados, é uma escola muito bem avaliada. Então, se fosse possível aproveitar o tempo de reclusão e a educação remota para mudar, seria bom. Mas não é o que parece estar acontecendo. Como fazer o ensino de uma maneira melhor? A primeira coisa é ressignificar essa aprendizagem bancária para uma aprendizagem com mais pesquisa.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site. Acesso em: 02 fev. 2022.

GRUPO DE NOVA LONDRES. A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures. *In*: COPE, B.; KALANTZIS, M. (Ed.). *Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures*. **Routledge**: Psychology Press, (1996) 2000. Disponível em: <http://www.sfu.ca/~decaste/newlondon.htm> Acesso em: 10 jan. 2022.

LEMKE, J. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos Em Linguística Aplicada**, v. 49, n. 2, p. 455-479, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ta/a/pBy7nwSdz6nNy98ZMT9Ddfs/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022

ROJO, R. **Escol@ Conectada**: os multiletramentos e as TICS. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, R. Entre plataformas, odas e protótipos: novos multiletramentos em tempos de web2. **The Specialist: descrição, ensino e aprendizagem**. Vol. 38 Nº 1 jan -jul 2017. Páginas: 14-16. Disponível em: Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/43203>. Acesso em: 10 maio. 2022.

ROJO, R.; MOURA, E. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

ROJO, R. Diversidade cultural e de linguagens na escola. *In*: ROJO, R.; MOURA, E. (Org.). **Multiletramentos na escola**. São. Paulo: Parábola Editorial, 2012. p.1